

cionado pelo preço do seu produto, P , enquanto que, para o trabalhador, o que importa é o salário deflacionado pelo preço dos bens que ele consome. Vejamos o que se pode dizer a respeito deste último, durante o período em estudo.

Ao tratar da força de trabalho durante a segunda metade do século XIX, Stein (1979) observa que o recrutamento de força de trabalho industrial teve como matriz uma sociedade escravagista.³ Mesmo depois da abolição, a situação dos escravos e dos trabalhadores europeus imigrantes não mudou muito. Embora os fabricantes às vezes se referissem à falta de trabalhadores, não há indicação de que a escassez de mão-de-obra tivesse constituído um obstáculo ao crescimento industrial. Os empresários recrutavam mão-de-obra nos orfanatos, nas casas de caridade e entre os desempregados das cidades litorâneas. Ainda segundo Stein, os fabricantes diziam com frequência que a força de trabalho era barata, e a presença nela de grande número de mulheres e crianças parece confirmar esse fato.

Esta descrição é compatível com a hipótese de que o salário real recebido pelo trabalhador era determinado pelo nível de subsistência. Admitindo-se que exista, implicitamente no modelo, um setor de subsistência, e supondo-se que os preços dos bens de subsistência sejam dados exogenamente, segue-se que os salários nominais, proporcionais ao preço dos bens de subsistência, também são determinados exogenamente. O salário real pago pelo produtor depende do preço dos bens industrializados e se define como:

$$w \equiv W/P$$

Os impactos de um aumento do preço dos bens de subsistência e, portanto, do salário nominal, sobre a acumulação de capital e o balanço de pagamentos, serão explorados no subitem 1.7 e no item 2.

1.2 O mercado de bens de consumo

No setor industrial, o produto é obtido usando-se uma combinação de mão-de-obra com capital importado. Portanto, a oferta de bens industrializados nacionais depende do salário real, w , e do estoque de capital:

$$Q = Q(w, K) \quad (1)$$

A demanda de consumo depende da renda real interna:

$$D = D(y) \quad (2)$$

³ É preciso deixar claro, entretanto, que a escravidão, enquanto forma de organização do trabalho na indústria, nunca foi importante.

Define-se a renda real como $y \equiv x + Q$, onde $x \equiv p_x X$ representa a renda gerada no setor primário exportador e iguala a receita real das exportações.⁴

As importações de bens de consumo igualam a demanda de consumo menos a oferta doméstica:

$$M = D(y) - Q(w, K). \quad (3)$$

1.3 A demanda de bens de capital para investimento industrial

O investimento, ou a importação de bens de capital, depende da diferença entre a taxa de lucros no setor industrial, π , e a taxa de juros r .⁵

$$\frac{dK}{dt} = \sigma(\pi - r) \quad (4)$$

Os lucros no setor industrial são calculados como o valor do produto industrial menos os custos com salários. A taxa de lucros é o resultado da divisão dos lucros pelo valor do estoque de capital:

$$\pi = [Q(w, K) - wL(w, L)/K] \quad (5)$$

onde $L =$ emprego industrial.

O comportamento da taxa de juros depende do que se passa no mercado monetário. Existe equilíbrio no mercado de moeda quando o estoque de moeda real, H/P , é igual à sua demanda. Supõe-se que a demanda de encaixes reais dependa da taxa de juros, r , e da riqueza, R . Portanto, podemos escrever: $H/P = \lambda(r)$ e definir:⁶ $R \equiv (H/P) + K$

Logo:

$$r = \lambda^{-1}(h) \quad (6)$$

⁴ Para uma discussão analítica da determinação da receita das exportações de café, veja Cardoso (1982).

⁵ A equação (4) descreve o investimento líquido. Se $\pi < r$, o investimento líquido é negativo, isto é, a importação de equipamentos não é suficiente para repor o desgaste do estoque de capital em existência.

⁶ A rigor, a definição de riqueza deveria compreender também as plantações de café, isto é $R^* = (H/P) + K + C(P_c/P)$, onde C representa o pé de café e (P_c/P) é seu valor real. Argumentamos no anexo que esse alargamento da definição de riqueza reforça a direção dos nossos resultados.